

A ÉTICA EM MAQUIAVEL E SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA¹

Carlos Alexandre Michaello Marques²

INTRODUÇÃO

O debate ético, ou acerca da Ética, permeia a humanidade desde muito tempo, com as diversas nuances de pensamento que dividiram muitos filósofos em grandes sistemas ou doutrinas morais/éticas abrangentes. Quando se deslinda sobre a temática é notório que estamos diante de um campo em que de plano se apresentam dois gigantes do pensamento ético, um representante Grego, Aristóteles, e o outro é Immanuel Kant, que influenciou em grande medida o pensamento contemporâneo acerca destas questões.

Assim, embora estejamos entre os dilemas trazidos por estes dois ícones do estudo da Ética, não é possível deixar de investigar a importância de outro pensador, Nicolau Maquiavel (*Niccolò di Bernardo dei Machiavelli*). Ao

¹ Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo, Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia, modalidade EaD do Departamento de Filosofia - UFPEL.

² Licenciando em Filosofia - UFPEL. Mestre em Direito Público (2014) - UNISINOS. Advogado. Graduado em Direito (2006) e Especialista em Gestão Ambiental em Municípios (2008) - FURG e, em Didática e Metodologia do Ensino Superior (2010), MBA em Gestão de Pessoas (2011); Metodologias e Gestão para Educação a distância (2012); e Pós-graduando em Direito e Processo do Trabalho - UNIDERP. Professor Colaborador e Pesquisador do Grupo Transdisciplinar de Pesquisa Jurídica para Sustentabilidade - GTJUS (CNPq) e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos - NUPEDH da Faculdade de Direito - FADIR da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

primeiro momento é possível que falar em Maquiavel possa lembrar o nascimento da Ciência Política, o que é inegável, mas de outro turno é também um importante filósofo do pensamento ético na modernidade, influenciando as reflexões de diversos filósofos contemporâneos que o sucederam cronologicamente no desenvolvimento de suas investigações.

Não obstante, outra pontuação necessária é a relação da temática, aqui escolhida com a obra *O Príncipe*, que é considerada o primeiro tratado sobre Ciência Política e, justamente por este motivo o que se pretende é revigorar nesta pesquisa a relação ínsita do pensamento ético de Maquiavel e suas imbricações/implicações na Política, campo que foi muito bem inaugurado com a referida obra.

Desta feita, embora o pensamento ético de Maquiavel não tenha ocupado o espaço que outros pensadores como Immanuel Kant e Aristóteles dispõe na Literatura filosófica, sua pesquisa se justifica por suas contribuições e influências aos pensadores contemporâneos, bem como a necessidade premente de entendimento dos caminhos percorridos e as explicações trazidas pelo filósofo. Ademais, diante da condição de precursor da ciência política, igualmente não se pode olvidar da influência de seu pensamento ético nesta seara, o que em certa medida repercute em outros pensadores contemporâneos.

1. MAQUIAVEL: SEU CONTEXTO, SUA ORIGEM E O PRÍNCIPE

É necessário, antes de uma abordagem mais específica da temática, contextualizar Nicolau Maquiavel, sob pena de desconSIDERAMOS o processo de edificações de suas reflexões éticas e de sua obra em geral. Nosso autor é considerado um humanista, nascido no que hoje é a Itália, mais especificamente no Principado de Florença, desde muito cedo trabalhou e

estudou, embora considerado por muito de formação deficitária. Sua obra principal, *O Príncipe*, escrito na renascença, conferiu o *status* de um dos mais importantes pensadores italianos à Maquiavel.

Ao passo que esta foi, e é considerada a principal contribuição de Nicolau Maquiavel, em especial, para Ciência Política³, a obra até o presente não foi suficientemente compreendida por muitos, os quais atribuem ao pensador frases e conclusões que efetivamente não lhe são devidas⁴, tendo em vista que não existe ou não está presente uma verdadeira ausência da Ética em seu pensamento, o que alguns justificam pela celebre frase que acomete o senso comum, quando se trata de Maquiavel: "os fins justificam os meios".

É notório que este pensamento se construa, pois a influência de rechaço as reflexões de Nicolau Maquiavel tenham alcançado força, especialmente na conjuração das pretensões da Igreja Católica, levando em consideração que o próprio autor, preconizava um rompimento com as tradições (elemento/condição indispensável da modernidade), e com a moral⁵ eclesíástica do Cristianismo como bem adverte Carlos Nunes Guimarães (2010). Diante disto, é possível perceber que o entendimento e o desagravo do pensamento cristão tornam por conduzir a algo que Maquiavel não recomenda, qual seja, o desprezo por valores morais⁶ (GUIMARÃES, 2010). Neste sentido, Márcia Amaral afirma que uma:

³Maquiavel, contrariamente aos teólogos e outros pensadores que se apoiavam na bíblia e em obras clássicas para elaborar suas teorias, construiu suas idéias levando também em conta o cenário político de sua época e a experiência real que teve ao interagir com as questões de seu tempo." (GUIMARÃES, 2010, p. 39)

⁴Sobre as críticas mordazes dirigidas à Maquiavel, o que se pode observar é que, de uma maneira geral, elas se baseiam exclusivamente na leitura d'O Príncipe, e uma leitura feita, quase sempre de má-fé, tendenciosa, recortando frases do texto para citá-las descontextualizadamente, deturpando as ideias do autor." (AMARAL, 2012, p. 27)

⁵Na conturbada Itália renascentista, Maquiavel considerou indispensável romper com a tradição da ética medieval (cristã) e propôs uma nova conduta capaz de fazer o governante manter o poder de Estado e perseguir seu desiderato." (GUIMARÃES, 2010, p. 39)

⁶Nesta perspectiva, Maquiavel desloca seu pensamento dos valores do Cristianismo, não significando, contudo, que despreze valores morais." (GUIMARÃES, 2010, p. 42)

[...] característica marcante do pensamento maquiaveliano é a rejeição completa ao legado ético cristão da Medievalidade e a constituição de uma moral laica de base naturalista. Isto vai nos levar à secularização da política, movimento de ruptura com o pensamento político medieval que vinculava política à religião, à Igreja. É, por romper estes laços da política com a religião que Maquiavel entrou para a história como o fundador da ciência política. Foi ele o primeiro pensador a tomar a política e analisá-la como uma categoria autônoma. (AMARAL, 2012, p. 29)

É notadamente neste contexto em que *O Príncipe* foi escrito por Nicolau Maquiavel, que busca através de sua excelente redação e sua clareza a transmissão de suas mensagens, aconselhar o príncipe Lourenço II de Médici. Neste aconselhamento, Maquiavel destaca os argumentos e as possibilidades para que o monarca se mantenha no poder, eis aqui a verdadeira intenção do pensador quando escreveu sua obra, mas que ao mesmo tempo fica clara a justificação de que está é a vida boa para o príncipe, eis que se trata da sua inclinação, governar e manter seu *status* de poder.

Dessa forma, as reflexões maquiavelianas nos conduzem para algumas considerações do aspecto da finalidade da conduta do príncipe, ou seja, o mesmo deve primar pela sua permanência de sua condição e exortar o que de melhor pode fazer para tanto. Este melhor, não significa que ele deve ser bom ou justo, mas de outro turno, significa que ele deve se manter como príncipe, se utilizando dos meios necessários para tal. O seguinte fragmento relata a visão realista de Maquiavel, ao afirmar que:

“Há, porém, uma tão grande distância entre o modo como se vive e o modo como se deveria viver, que aquele que em detrimento do que se faz privilegia o que se deveria fazer mais aprende a cair em desgraça que a preservar a sua própria pessoa. Ora, um homem que de profissão queira fazer-se permanentemente bom não poderá evitar sua ruína, cercado de tantos que bons não são.” (MAQUIAVEL, 1999, p. 87-88)

É notório que a inclinação de apresentar como relevante apenas o alcance dos atos praticados como primazia, diferencia claramente Maquiavel de Aristóteles e Immanuel Kant, ao passo que o coloca como um consequencialista. *"A virtú consiste em saber aproveitar a occasione proporcionada pela fortuna", avaliando, de uma maneira consciente a situação e as possibilidades de ação [...]"* (AMARAL, 2012, p. 33) No mesmo sentido, há de se destacar que a *"[...] virtú prescindê, de modo absoluto, de qualquer critério moral de avaliação do comportamento humano."* (AMARAL, 2012, p. 33)

2. A ÉTICA CONSEQUENCIALISTA EM MAQUIAVEL

A Ética consequencialista está latente na obra de Maquiavel, eis que em diversos momentos o autor traz a importância de alcançar os fins, as consequências nos atos praticados sob pena de inclusive não serem considerados os fins éticos. Alguns apontam contradições no pensamento do autor, porém é intensa a presença de argumentos que justificam suas posições e reflexões acerca de seus enfrentamentos.

No mesmo sentido, é necessário, com fito de esclarecer a temática, que tomemos como exemplo a questão analisada por Maquiavel acerca da mitológica história acerca de Roma, *quando "[...] argumenta que se o objetivo de Rômulo, ao matar seu irmão, tivesse sido apenas a satisfação de uma ambição pessoal, seu ato deveria ser realmente censurado, mas como visava a um interesse maior e tece como fruto a grandeza de Roma, sua ação era justificada."* (BARROS, 2012, p. 86)

Dessa maneira, fica fácil perceber um grande rompimento promovido por Maquiavel, algo que mudou o rumo das questões éticas na política, bem como com as percepções de preexistências dos atos, levando em consideração apenas suas consequências. *"Nesta perspectiva, a lógica a conduzir as ações políticas ou dos Estados, já não fica submetida a julgamentos morais, ou sobre noções do bem ou do*

mal." (GUIMARÃES, 2010, p. 40). Esse rompimento foi providencial para justificar também o que já foi mencionado acerca da "destraditionalização" que afastou o pensamento cristão de suas reflexões. Assim:

"Em síntese, a concepção moral maquiaveliana não admite a existência de um Bem ou um Mal preexistentes a definir os atos humanos, mas admite a existência de atos bons ou maus conforme observem ou não o bem da coletividade. Portanto, a Moral em Maquiavel perde sua autonomia e sua transcendência e é integralmente absorvida pela Política." (AMARAL, 2012, p. 34)

Por estas escolhas, Maquiavel foi e é muito incompreendido, mas suas lições no que tange ao consequencialismo ecoaram pela História da Filosofia Moderna e Contemporânea, fazendo com que diversos pensadores tenham desenvolvido suas teses na mesma linha. Os utilitaristas, pragmáticos e neopragmáticos são exemplos desta influência, mas no tocante à Política, ao que parece o autor ainda é influência direta e sua Ética consequencialista paira sobre as decisões dos governantes contemporâneos.

Os caminhos distintos de Aristóteles e a construção de um sistema ético ferozmente questionado, fazem de Maquiavel um dos pensadores mais intrigantes do período moderno. Todavia, o que mais pode gerar a curiosidade sobre o pensamento do filósofo é de como ele pode ser identificado facilmente na cenário político contemporâneo, o que justamente nos conduz a identificar estas implicações de sua Ética na Política.

3. IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA DA ÉTICA EM MAQUIAVEL

Um primeiro corte na literatura maquiaveliana conduz a ausência de reflexão do autor "*[...] sobre princípios universalmente válidos, interessam-lhe o agir, as forças em conflito no cenário político, o domínio das circunstâncias, a ação concreta dos homens.*" (GUIMARÃES, 2010, p. 43). Assim, não se pode considerar, sob pena

de um equívoco hermenêutico, a aplicação de quaisquer concepções apriorísticas que sejam formuladas para uma situação, pois o que importa são as consequências dos atos e não a forma pelas quais foram desenvolvidos.

Dentro desta premissa, os já referidos rompimentos são atravessamentos indispensáveis que culminam por inaugurar o período moderno de pensamento. A modernidade e seus processos chegam à política pelos caminhos trilhados por Maquiavel para até o presente influenciar, seja da forma que se entenda as relações existente entre Ética e Política. Nesse sentido é possível entender que:

A concepção maquiaveliana da política como uma atividade autônoma e soberana, completamente afastada das questões religiosas, avessa e independente com relação à tradição da moral cristã, criadora de sua própria ética empírica e utilitarista, cujo valor de virtude pode ser resumido na frase: agir segundo as exigências do momento, utilizando-se de quaisquer recursos que concorram, com eficácia para a manutenção do bem coletivo [...]. (AMARAL, 2012, p. 35)

Esta independência e autonomia da política nos escritos de Maquiavel, e seu norteamo por uma ética destoante da moral cristã, a qual é substituída pelas circunstâncias momentâneas e necessárias para alcançar os fins desejados são ecoantes no momento atual. Isto se deu pelos aportes, muito bem desenhados pelo autor, no tocante às suas intervenções e conselhos constantes na obra *O Príncipe*. *"Maquiavel compreende que no território da política não é possível um julgamento ético a priori."* (GUIMARÃES, 2010, p. 42).

Assim, em síntese é possível inferir que se trata de "[...] uma postura de ruptura com a tradição da moral cristã que se apóia em uma concepção de bem e mal, de justo e injusto, cujos conteúdos preexistem já fixados, não dependendo do exame das situações dadas." E neste ponto que alguns dos comentadores tecem inflexões e fazendo reflexões acerca do pensamento de Maquiavel e da realidade da Política na

contemporaneidade, o que para muitos pode parecer, em certa medida, uma obviedade, tendo em vista que:

É desnecessário salientar a imbricação que guarda o contexto sociopolítico contemporâneo, especificamente, e a inter-relação que envolve o “realismo” e a tendência utilitarista para cujo horizonte a leitura de Maquiavel acena, que carrega, nessa perspectiva, a consideração de que a ação humana sempre se desenvolve através da corrupção e da violência, impondo-se a ela eficiência e imediatividade, um exercício que em seu curso engendra por si uma teoria jamais acabada e uma técnica que não se permite repetir, posto que encerra uma disciplina autônoma que, por esse motivo, reclama um julgamento que depende de seus próprios critérios de funcionalidade, como no caso da leitura da violência que, sob a acepção de instauradora, ou provisória e instituinte da ordem, justifica-se em nome do Estado, em detrimento dos que o compõem, configurando a legitimidade do recurso ao mal (o emprego da força coercitiva do Estado, a guerra, a prática da espionagem, etc.), pressuposto de uma ética que se define convergindo para o que designa-se como bem da comunidade. (ROSA, 2013, p. 189)

Assim, é translúcida a percepção de uma Ética Consequencialista que deita raízes no tocante a sua origem, nas obras de Maquiavel, está presente na Política Contemporânea, o que permite uma reflexão acerca da tomada de decisão dos governantes, ou seja, quando se faz possível identificar que uma ação é motivada por alcançar os fins, as suas consequências e está diferenciada de outros sistemas éticos como o Aristotélico ou o Kantiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ética de Maquiavel, em grande medida, desconsiderada ou transformada em algo negativo pelo senso comum é extremamente necessária para compreensão dos atos dos governantes na contemporaneidade no campo da Política. Não obstante, sistemas éticos como os já referidos de Aristóteles ou de Immanuel Kant despertem maior interesse ou mesmo probabilidades de

serem reescritos por filósofos contemporâneos, o consequencialismo maquiaveliano também não pode ser desconsiderado.

Não só na Política, mas em outras esferas de aplicação do conhecimento humano, a Ética de Maquiavel orienta ou está presente de alguma forma, como por exemplo, no campo da Gestão (Administração), Economia, no Direito ou das Engenharias. À esta incorporação não cabe um juízo valorativo da orientação da Ética de Maquiavel, o que não se traduz no objeto desta pesquisa, mas sim, de outra banda, o que se busca é a identificação de implicações desta orientação ética na Política.

É possível identificar que, embora não tenha sido considerado um sistema ético de grandes pretensões, no campo político, a Ética consequencialista proposta por Maquiavel encontra sua seara mais fértil, aliados naturalmente aos mesmo conselhos explicitados na obra O Príncipe. Ademais, também cumpre destacar a importância da inauguração do pensamento moderno nos escritos do autor, o que para faz florescer na renascença um afastamento de uma moral Cristã e a construção de um novo sistema de pensamento que depois mais tarde será objeto de crítica, refutação ou mesmo complemento de outros filósofos e/ou contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIIGRÁFICAS:

AMARAL, Márcia do. **Maquiavel e as relações entre ética e política**. In: *Ensaios Filosóficos*, v. 5, p. 25-37, 2012.

BARROS, Albero Ribeiro Gonçalves de. **Republicanismo**. in: RAMOS, Flamarión Caldeira; MELO, Rúrion; FRATESCHI, Yara. **Manual de Filosofia Política**. São Paulo: Saraiva, 2012.

GUIMARAES, Carlos Nunes. **Maquiavel e Max Weber: ética e realismo político**. *Argumentos Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 38-45, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. ***O Príncipe***. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 1999.

REZENDE, Antonio. (Org.) ***Curso de Filosofia***. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ROSA, Luiz Carlos Mariano. **Maquiavel e Weber: A Lógica do Poder e a Ética da Ação – O “Príncipe-Centauro” e o “Homem Autêntico”** in: *OPSI*, Catalão, v. 13, n. 1, p. 180-199, 2013.